

# João Braga lança poemas de Pessoa

O fadista João Braga participa esta noite num programa televisivo sobre Fernando Pessoa, onde interpreta temas do seu último álbum, intitulado «Portugal».

Editado recentemente, o LP é composto, sobretudo, por poemas do livro de Pessoa «Mensagem», que João Braga musicou.

A ideia de fazer este disco surgiu quando «em 1983, o meu filho mais novo pediu-me ajuda, porque a professora lhe exigia a declamação do poema «O Menino da Sua Mãe».

Só então mergulhei a fundo em Fernando Pessoa — até lá, o que dele conhecia era apenas a superfície. Logo senti absoluta necessidade de musicar a sua poesia, sobretudo a «Mensagem». E é por esta razão intimista que este disco aparece. Nele, gostaria de poder cantar os qua-

renta e quatro poemas que constituem a «Mensagem». Mas, se as dificuldades para fazer este disco já foram tantas, o que seriam então com um álbum triplo. De qualquer modo, estou satisfeito», afirma o fadista no folheto do próprio disco.

«Portugal», tem, a abrir o lado A, também uma música feita a partir de um poema do escritor argentino Jorge Luís Borges. Depois seguem-se os poemas de Fernando Pessoa: de Brasão, de «Os Castelos» — «Viriato», «D. Afonso Henriques» e «D. Diniz». O terceiro fado é «D. João o Primeiro» e «D. Filipa de Lencastre». Do poema «As Quinas», João Braga musicou

D. Fernando Infante de Portugal», e, de «O Timbre» «A Cabeça do Grifo: o Infante D. Henrique»; «Uma Asa do Grifo: D. João o Segundo» e «A outra Asa do Grifo: Afonso de Albuquerque». Por fim, a finalizar este lado, «Prece».

Do lado B, seis temas: «Padrão» (o Encoberto de «Os Símbolos»); «D. Sebastião»; de «Os Avisos», «António Vieira» e «Escrevo Meu Livro à Beira-Mágoa». Com «Antemã» e «Nevoeiro», dois poemas de «Os Tempos», terminam os poemas de «Mensagem». Mas resta ainda uma música, «Português d'Hoje», com poema de Afonso Lopes Vieira.

## 20 anos de carreira

João Braga inicia a sua actividade como músico em festas par-

ticulares, onde interpreta temas de Bill Halley, Elvis Presley e Paul Anka, entre outros, acompanhado à viola por José C. Maia.

Os primeiros contactos com o fado são feitos em 1962, no «Tipóia». Um ano depois estreia-se oficialmente a cantar o fado na Tertúlia da Festa Brava.

Os dois primeiros discos, dois E.P.'s, são gravados em 1966, e em 1967 grava o seu primeiro LP. 1970 e 71 são anos de mais dois LP's. Depois de um período sem gravar, em que viveu por um tempo em Espanha, volta ao estúdio para gravar, em 1978, «Fado Vadio». Mais um LP em 80 e, dois anos depois, é a vez de sair «À Paz do Teu Amor». Segue-se o LP «De João Braga para Amália» e, agora, «Portugal».



## O melhor de Amália conquista segundo disco de platina

Editado no final de Julho deste ano, «O Melhor de Amália» foi o primeiro disco na história da indústria discográfica portuguesa a atingir a marca de «Duplo de Platina».

Apesar de ser impossível condensar num só álbum toda a excepcional carreira de Amália esta antologia que inclui 28 dos

seus fados mais importantes obteve um sucesso sem precedentes. Em apenas três meses «O Melhor de Amália» vendeu mais de 120 mil exemplares sendo assim necessário criar o 2.º disco de platina para premiar esta edição, coisa que nunca tinha acontecido nem estava prevista nos regulamentos da Associação dos Editores.

## Luís Cília, um novo disco

# “Sinais de Sena”

Sena deu-nos «Sinais de Fogo», na literatura, e Luís Filipe Rocha «Sinais de Vida», no cinema, porque era o escritor que homenageava. Agora, Luís Cília toca-nos com a sua vara — a música — que suporta e sublinha a poesia de Jorge de Sena.

Chamou a este disco, o décimo quinto que lança, «Sinais de Sena», título excelente, segundo David Mourão-Ferreira. «Seja como for, o título ainda é um menos diante da completa 'reussite' do próprio disco», diz. Ao longo de um

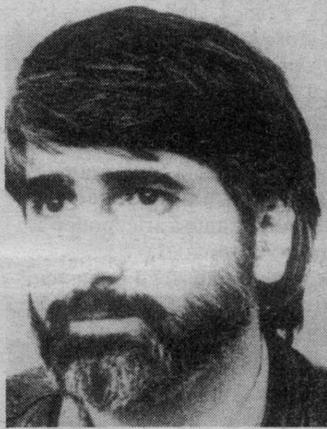
ano, o músico, com o rigor que se lhe conhece, foi seleccionado o que do poeta lhe parecia mais cantável, tentando abarcar facetas diversas da sua obra.

Ainda, com David Mourão-Ferreira: «Este disco opera, em meu entender, revolucionárias modificações no que tradicionalmente se crê que deva ser conúbio entre a poesia e a música...» Fala-nos do clima sonoro, onde a poesia se inscreve, da delicadeza com que Luís Cília a deixa afirmar-se, sem que a música se sobre-

ponha.

«Ora dilacerante ora obsessiva, ora provocatório ora apaziguadora, a música de Luís Cília propõe, de poema para poema, a aura ou o halo de um diferente estado de espírito...» Eis outra impressão de David Mourão-Ferreira. É um disco que não recorre, do princípio ao fim, à facilidade, pelo que importa ouvi-lo muitas vezes...

O Cília é complicado, não se entende à primeira. Sena também o era.



## Não esperava ganhar em Espinho — disse cineasta estoniano

«Não esperava ganhar em Espinho, embora o meu filme tivesse sido «Grande Prémio» do Festival de Varna na Bulgária, em Outubro passado. Este certame tem um elevado nível e foi grande a qualidade dos filmes a concurso», disse o cineasta estoniano, Pritt Pärn, vencedor do Cinanima-85 na categoria J (para a juventude) com a película de nove minutos, «Contos Irreais».

«O júri internacional mostrou-se muito competente, tendo feito uma distribuição dos prémios correcta», acrescentou Pärn, que afirmou ter ficado com «as melhores impressões do Festival de Espinho» onde teve a oportunidade de «contactar com grandes nomes do cinema de animação mundial assim como com jovens realizadores, facto extremamente interessante e que nem sempre é possível, principalmente quando os festivais se revestem de uma grande amplitude».

Solicitado a falar dos seus «Contos Irreais», o cineasta estoniano sublinhou que «é difícil descrever um filme de animação. Toda a arte tem a sua linguagem própria e ao utilizar uma outra corre-se o risco de alterar o seu sentido». No entanto, adiantou que o filme com

o título original de «Time Out» fala da vida contemporânea. Trata-se de uma sequência de episódios vividos por um gato e está dividido em três partes: na primeira mostra-se a preocupação da personagem em fazer uma quantidade enorme de coisas, em sua casa, olhando constantemente as horas. Mas essas tentativas são em vão; não consegue fazer praticamente nada; na segunda parte, o gato vê-se confrontado com uma outra realidade, um outro mundo, sem relógios, e onde, finalmente, desenvolve uma grande actividade; mas regressado de novo ao seu mundo, e face à passagem inexorável das horas, tudo fica como dantes.

«Tentei fazer um filme muito concentrado, explicou o realizador, sem espaços vazios, de modo a que a velocidade dos episódios provocasse constante expectativa.»

## Caricatura e banda desenhada

Formado em biologia, Pärn dedicou-se, ainda nos tempos de estudante, à caricatura. Colaborou em diversas revistas e jornais e ganhou, como caricaturista, cinco prémios internacionais. Depois interessou-se pela

banda desenhada. Tem três álbuns publicados.

O primeiro contacto com o cinema de animação surgiu em 1974. Dois anos mais tarde recebeu um convite para trabalhar nos Estúdios de Animação de Tallin. Produziu, até hoje, cinco filmes. Recebeu o seu primeiro galardão internacional em Varna, em 1981, com «O Ursinho Verde».

Num breve apontamento sobre a cinematografia de animação na Estónia, o cineasta salientou a sua tradição, de trinta anos, recordando o pioneiro Rain Raamat, mestre na fotografia de bonecos, género no qual se especializaram diversos realizadores estonianos.

Referiu depois o surgimento dos primeiros autores de desenhos animados há catorze anos, que foi adquirindo cada vez maior popularidade na república.

Embora o departamento dos estúdios da capital estoniana tenha uma produção anual de apenas sete a oito filmes — bonecos e desenhos — a qualidade do trabalho dos seus cineastas é reconhecida internacionalmente. Nomes como os de Avo Piartok, Elbert Tuganov e Heino Pars têm grande projecção em todo o mundo.

O prémio de Espinho é o terceiro galardão atribuído este ano aos realizadores da Estónia, depois dos «grandes prémios» de Oberhausen (RFA) e de Varna.

Ao referir-se àqueles que, em sua opinião, são os maiores criadores de cinema de animação, Pärn observou que é difícil citar nomes de realizadores sendo, talvez, preferível citar os países onde se desenvolveram escolas com características bem definidas. Assim, considera que «praticamente todos os países socialistas de Leste têm representantes de grande nível. Quanto aos países do Ocidente, é de grande qualidade o cinema de animação que se faz no Canadá, nos Estados Unidos, na Bélgica, na França, na Holanda e na Itália. Também em Cuba, salientou, desponta neste campo algo de muito interesse».

Sobre o que o levou ao cinema, o cineasta sublinhou que para desempenhar certas tarefas é necessário ter vocação mas, muitas vezes, chega-se a uma profissão devido aos mais variados factores. «No meu caso concreto, sendo biólogo, o cinema aconteceu. E depois de uma actividade de onze anos é muito difícil deixar a animação.»

(NOVOSTI)

**NO TEATRO DA TRINDADE I**  
de 19 NOV a 1 DEZ

**FESTIVAL GRUPO DE CAMPOLIDE**  
apoio Rádio Comercial

**COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA**

CARLOS GONÇALVES em  
**O CAPOTE**

de  
nicolau  
**GOGOL**

encenação  
JOAQUIM BENITE

com  
CANTO E CASTRO  
LUIS VICENTE  
MARIA HENRIQUETA  
ANTÓNIO MOTA  
VITOR GONÇALVES

UMA DAS MELHORES ENCENAÇÕES DE JOAQUIM BENITE  
TITO LÍVIO — «A CAPITAL»  
EXTRAORDINÁRIA CRIAÇÃO DE CARLOS GONÇALVES  
HELENA SERÓDIO o diário

a seguir  
1383 · RÉUS E JUIZES · A EXCEÇÃO E A REGRA · TEMPOS DIFÍCEIS · COMO MATAR O TUBARÃO · HUGHIE · A QUEDA DE UM ANJO · PEQUENO CIRCULO DE GIZ · A MENINA, O GATO E O ROBOT

DE 3.ª a 6.ª ÀS 21.30h. SAB e DOM ÀS 16h e 21.30h

**TEATRO ACADEMIA ALMADENSE**  
SÁBADO, 30 • 21.30 H

**TEATRO FRONTERIZO**  
DE BARCELONA

APRESENTA:  
«ÑAQUE»